

Livros infantis e envelhecimento: indicações para novos parâmetros e práticas pedagógicas nas escolas

*Children's Books and Aging: directions for new parameters
and pedagogical practices in schools*

Nadia Dumara Ruiz Silveira
Flamínia Manzano Moreira Lodovici
Isabella Bastos de Quadros

RESUMO: A questão geradora da pesquisa sobre o lugar das pessoas idosas na família e na sociedade instigou a análise de livros de histórias infantis, com objetivo de discutir como conteúdos da literatura infantil abordam a realidade do envelhecimento, tendo em vista a implementação de projetos pedagógicos inovadores nas escolas sob uma perspectiva interdisciplinar à luz das áreas da Gerontologia Social, Educação e Linguística. A metodologia utilizada centrou-se em análise de conteúdo de dez livros infantis, considerando título/autor, capa e sinopse; pretendeu-se verificar de que modo tais aspectos, ao serem determinantes ao manuseio e leitura dos livros por adultos e crianças, se escritos sob à luz de uma concepção realista e atual, podem direcionar uma compreensão adequada do processo de envelhecimento. As entrevistas realizadas junto à Coordenadora da *Escola Viva*, localizada na cidade de São Paulo (SP), Brasil, complementaram a pesquisa, viabilizando as análises dos dados coletados e a composição dos seguintes resultados: (i) caracterização dos discursos sobre o envelhecimento contidos nos espaços aqui analisados dos livros de histórias infantis, suas implicações e decorrências, identificando também o que eles deixam de dizer, e como podem ser mais produtivos os diálogos entre alunos e professores, considerando a importância da relação criança-idoso; (ii) identificação do potencial de problematização expresso nos textos analisados quanto a valores como o respeito, a dignidade, e a valorização do outro, nas relações cotidianas intergeracionais em família e em sociedade; (iii) contribuição para repensar a concepção de educação sobre o envelhecimento e para o conjunto de teorias que viabilizem compor um novo ideário em

favor de um convívio humano afetivo e solidário na família, na sociedade, o que poderá ser incrementado por práticas educacionais que respondam a esses desafios.

Palavras-chave: Livros infantis; Leitura; Envelhecimento; Velhice; Relações intergeracionais.

ABSTRACT: *The main research question on the place of the older people in the family and in society instigated analysis of children's storybooks, in order to discuss how contents of children's literature address the reality of aging in view of to implement innovative pedagogical projects in schools under an interdisciplinary perspective in area of Social Gerontology, Education and Linguistics. The methodology focused on content analysis of ten children's books, considering title / author, cape and synopsis; in order to verify how these aspects to be crucial to handling and reading of books for adults and children, whether written under the light of a realistic and current, can direct a proper reading of the aging process. The interviews next to the Coordinator of "Escola Viva", located in the city of São Paulo, complemented the research making feasible the analysis of collected and the composition of following results: (i) characterization of the discourse contained in children's storybooks about aging, their implications and consequences, also identifying what they cease to say, and how can be more productive dialogue between students and teachers, considering the importance of relationship child-elderly; (ii) identification of potential problem expressed in the texts analyzed concerning values as respect, dignity, and appreciation of the other, in everyday relationships intergenerational family and society; (iii) contribution to rethink conception education on aging and the set of theories that allow composing a new ideology in favor an affectionate and supportive human relationship in the family, in society, which may be incremented by practices educational that respond to these challenges.*

Keywords: *Children's Books, Reading; Aging; Elderly; Intergenerational Relationship.*

Sobre os livros infantis e a leitura

“É justamente pela via do afeto que, crianças, somos introduzidos ao prazer de ler (...), sem forçação, nem sermão”. Esta judiciosa afirmação do teórico francês da leitura e escrita, Georges Picard (2008, p.115), evidencia que a leitura deve chegar à criança em função de ser convocada por um gesto: o de afeto por uma pessoa que devota cuidados a seus próprios livros,

gesto esse do qual a criança se apropria. Depreende-se, a partir dessa perspectiva, que a leitura de livros deve chegar às crianças, se antes imersas o foram nesse universo de afeto, por escolha delas próprias, que acolherá esses livros como um objeto afetivo gratificante. Nessa direção, Ana Maria Machado, escritora premiada de histórias infantis, com cerca de 19 milhões de exemplares em trinta anos de carreira, afirma que:

Não há receita de bolo nem fórmula mágica para que os filhos sejam leitores. Basta criá-los num ambiente instigador. Gera curiosidade e exemplo... Meus pais e avós liam para mim e meus irmãos. Liam na nossa frente e comentavam entre eles sobre o que estavam lendo... Quando eu era pequena, chamava minha mãe e, se ela estivesse lendo, respondia: ‘Espera aí’.¹

Sobre os efeitos da feliz relação leitor-livro, afirma De Certeau (2012/1980, p.241),

Análises recentes mostram que “toda a leitura modifica o seu objeto”, que (já dizia Borges) “uma literatura difere de outra menos pelo texto que pela maneira como é lida”, e que enfim um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido. Se, portanto, “o livro é um efeito (uma construção) do leitor”, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *lectio*, produção própria do leitor”.

Tais ideias sobre a leitura vão ao encontro do que diz Foucault (1994, p.39) de que o leitor “não é quem lê o livro que lhe é proposto, mas aquele que cria seus próprios meios de escolher os livros que irá ler, que conhece os meios para encontrar e diversificar os textos ligados aos seus interesses”. A pessoa que interpreta o que lê é aquela, na verdade, que está apta a refletir a respeito do que foi lido e a posicionar-se de forma crítica, estabelecendo relações entre o conteúdo do texto e sua vivência cotidiana.

Petit (2008, p.26) ratifica que “(...) os leitores apropriam-se dos textos (...) mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas... Não se pode jamais controlar o modo como um texto será lido, compreendido ou interpretado”.

A leitura opera em um universo em que o ato de ler é um complexo processo de caracterização múltipla, diversa:

(...) de descoberta, como a busca do saber científico; requer, outras vezes, um trabalho paciente, perseverante, desafiador, semelhante à pesquisa laboratorial;

¹ Recuperado em 12 novembro 2012, de: <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,EMI4895-10534-6,00-S+MELHORES+LIVROS+PARA+SEU+FILHO.html>.

e tantas outras vezes, permite-se ser superficial, sem grandes pretensões, uma atividade lúdica, como um jogo de bola em que os participantes jamais se preocupam com a lei da gravidade, a cinética e a balística, mas nem por isso deixam de jogar bola com gosto e perfeição (Cagliari, 1989, p.149).

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas e a maior parte daquilo que se deve aprender terá que ser conseguido através da leitura fora do espaço educacional (Cagliari, 1989: 148). O autor de um livro, por conseguinte, não deixa de ser senão um porta-voz sensível que traduz, com sua particular arte da escrita, o enorme caldeirão de informações e vivências que constituem a própria vida. A leitura é, nesse sentido, um instrumento para aquisição de novos conceitos e, através dela, a criança convive com uma grande variedade de experiências de quem já as viveu ou, ao menos, tem seu interesse despertado para tal. Bellenger (1978, p.17) já nos antecipara isso: “Ler é também sair transformado de uma experiência de vida...”. Picard (2008, pp.10-11) reforça a ideia da experiência adquirida ou vivenciada, ainda que as crianças não se deem conta disto: “Ler é constituir-se a si mesmo, um pouco como se, por meio dos livros que lemos, pudéssemos descobrir as marcas de nossa própria experiência, pudéssemos fazer história”.

Os livros de história infantis sempre foram uma via privilegiada de disseminação de valores, crenças e atitudes, alicerçados em visões de mundo e de pessoas, mas cujos pressupostos teóricos necessitam, muitas vezes, ser revistos ou atualizados segundo a ótica humanística e do avanço da ciência. Dessa forma, por meio das histórias escritas para crianças, são veiculados aspectos fundamentais de uma determinada sociedade, da sua língua e cultura, além de valores que estão em voga; o que nos apresenta a leitura como um “processo cognitivo por excelência” (Carroll)², devendo ser a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação proficiente de crianças e jovens na sua interação pessoal com os dizeres dos livros.

Todaro (2009, p.45) corrobora essas ideias quanto à leitura desde a infância ao valorizar a ação efetiva do simbólico para a educação: “É enorme o potencial educacional dos meios simbólicos entre os quais figura a literatura. Por seu intermédio, os grupos sociais podem divulgar valores, ideias e explicações a respeito do comportamento humano ao longo da vida”.

² John B. Carroll (1972). Defining Language Comprehension: Some speculations. In: J.B. Carroll and R. Freedle (Comps). *Language Comprehension and the Acquisition of Knowledge*. Washington, D.C.: C.H. Winston. (Carroll é, prestigiado psicólogo educacional norte-americano, como citado em Kleiman, 1993, p.12 e Kleiman, 1983, p.35).

Nessa direção, o presente estudo objetiva discutir como conteúdos da literatura infantil que abordam algum aspecto ligado ao envelhecimento podem compor as atividades pedagógicas da escola,³ sob uma perspectiva interdisciplinar, envolvendo conhecimentos das áreas da Gerontologia Social, da Educação e da Linguística. A análise aqui elaborada concentra-se em três “pistas” estruturais: títulos/autores, imagens de capa, sinopses dos livros de história infantis que tratam de alguma forma, direta ou indiretamente, a temática ligada às relações entre gerações mais novas e mais velhas. Concepções sobre envelhecimento, velhice, pessoa idosa, cuja aplicabilidade durante todo o processo educacional inicial servirá de base, certamente - e daí a importância de que sejam concepções realistas e atuais -, para a formação dos jovens a respeito dessa condição da vida humana que é o envelhecer na convivência cotidiana com pessoas que se encontram em outro momento do processo de envelhecimento.

Levando-se em conta a potência da leitura para a educação infantil e o valor dos livros (infantis de história, no presente caso) para a formação da criança com um olhar compreensivo às demais gerações é objetivo específico do presente estudo recuperar, em uma abordagem dialógico-interacional, em termos teórico-metodológicos, o que dizem, de início a partir dos títulos/autores, imagens das capas e sinopses de livros de história infantis (os espaços destinados ao olhar de pais ou professores), ou o que deixam de dizer (os não-ditos) sobre a natureza das concepções subjacentes ao processo de envelhecimento e à velhice, bem como indicar como se representa, nesses espaços, o convívio cotidiano com as pessoas mais velhas. O que não é dito, o que é silenciado, nesse discurso dos livros das histórias infantis, transmite também valores; valores esses que instauram outros efeitos de sentido no leitor (Orlandi, 2007).

Ao mesmo tempo, tenta-se propor o que pode ser problematizado na escola, de forma favorável a reforçar valores: o respeito, a dignidade, e a valorização do outro, nas relações cotidianas intergeracionais em família e em sociedade. Esta é uma contribuição a de que tais conteúdos baseiem-se em pesquisas realistas sobre a definição de um lugar desejado ao idoso. Espera-se que a escola possa reconhecer o valor disso para a educação sobre o envelhecimento e para o conjunto de

³ A motivação maior decorreu inclusive a partir da proposta pedagógica do Conselho Estadual da Educação, de 21/05/2008 (publicado no DOE em 29/05/08), por meio do Parecer CEE n.º 298/2008, sobre inserção de “conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria, nos currículos do ensino fundamental no estado de São Paulo (ratificando os dizeres da Lei n.º 10.741, de 01/10/2003 (Estatuto do Idoso), que propôs em seu Art. 22 do Cap. V que, nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal fosse incluída a discussão sobre o envelhecimento humano, de forma que essa etapa do curso de vida seja vista com mais dignidade, os desafios dela decorrentes sejam encarados como uma questão de responsabilidade não apenas do poder público, mas de todos os cidadãos.

teorizações/problematizações, que têm como meta promover um novo ideário a favor de um harmonioso convívio humano, evocando os termos do Parecer CEE 298/08.⁴

Livros infantis e a intergeracionalidade

O interesse do presente estudo pela literatura infantil - quando esta trata das relações intergeracionais, isto é, quando evidencia as relações de convivência entre a criança e as demais gerações, especialmente a dos avós -, decorre da realidade dos novos tempos do século XXI: vivemos o envelhecimento mundial e uma sociedade mudando os hábitos de leitura, antes restritos ao impresso, deixando-nos agora em suspense, quando pensamos em espaços criados pelas novas tecnologias.

A escola, por sua vez, procura acompanhar o avanço do mundo, de um lado, e também, de outro, não deixa de ser uma guardiã da tradição. A partir dessa dualidade, tenta sempre estabelecer um equilíbrio, do que nasce a desejável formação proficiente, em termos humanísticos, a ser dada aos jovens que anseiam pela leitura do mundo e das pessoas na atualidade, em especial daquelas de idade mais avançada.

A literatura infantil, por sua vez, não pode deixar de acompanhar essa realidade que vivenciamos: novos conceitos precisam ser adequados quanto a reconfigurar - conforme foco desta investigação -, a posição da pessoa longeva na família e comunidade, evidenciando o modo como ela se assume, na atualidade, como agente de transformações. Importa também reconhecer o processo de aprendizagem ao longo da vida e transmitir a sabedoria da sua vivência e experiência, a bem dizer, da bagagem conquistada durante anos de existência.

A criança que vive uma fase de incessante construção do olhar sobre o mundo e constitui, nesse período de sua vida, suas relações e crenças, é terreno fértil para que uma nova abordagem sobre as pessoas mais velhas, especialmente aquela orientada pela perspectiva gerontológica, seja experimentada; conseqüentemente, mudando concepções previamente adquiridas, muitas das vezes equivocadas. Ler, aqui no caso das histórias infantis significa a criança ressignificar ela própria essa história, enfim, marcar seu lugar na história lida.

⁴ “Dessa forma, nem sempre basta reconhecer como justa ou necessária a abordagem de um determinado tema ou mesmo reconhecer que se trata de uma exigência legal. É preciso ir além para que professores compreendam a relevância de um determinado tema e possam estar instrumentalizados com conteúdos que lhes possibilitem abordagens adequadas à faixa etária em que atuam...”. (Recuperado em 10/05/2012, de: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias>).

Assim é que a longevidade, atualmente - um fato relevante que, juntamente com os avanços da ciência, deve possibilitar qualidade nos anos a mais desse viver - tornou premente o surgimento de programas diversos voltados para a velhice. Exemplares são aqueles de prevenção de doenças ou de como lidar com elas de forma outra com atividades físicas, de educação continuada, de lazer, e, especialmente, de convivência com a doença. A sociedade precisou se reorganizar já que essa nova demanda do velho como integrante ativo e por mais tempo, aumentou evidentemente a convivência intergeracional e a necessidade de aprendizado das relações que se constituem a partir daí. Atualmente, netos e avós convivem por muito mais tempo e, considerando a revolução familiar das últimas décadas, quando pai e mãe trabalham fora de casa, os avós vêm participando cada vez mais ativamente da criação dos netos, inclusive financeiramente. É uma participação bastante efetiva e os estudos na área gerontológica constataram, através de pesquisas sobre o assunto, o surgimento de um novo fenômeno que precisa ser considerado: a avosidade, que é justamente reconhecer a relevância, a partir dos anos 80, do papel multidimensional dos avós junto aos netos (Oliveira & Karnikowski, 2012).

Quando se fala sobre convivência entre gerações, faz-se necessário desmistificar conceitos ultrapassados, promover a aproximação entre as gerações e ressignificar os conhecimentos e a valorização das diferenças como possibilidades de troca de experiências e aquisições benéficas entre gerações. Especialmente se considerarmos que a velhice é heterogênea, justamente por sermos cada um de nós seres singulares. Diante disso, a possibilidade de ricas serem as interações entre as várias gerações na família e na sociedade.

A escola e sua contribuição em prol da convivência intergeracional

Para entender melhor como a escola poderia contribuir para a consolidação da dinâmica de convivência geracional na família e na sociedade, este estudo identificou essas representações, por meio de entrevistas realizadas junto à coordenadora pedagógica - referida, a partir de agora, pela inicial C. - do 3º ano do ensino fundamental da *Escola Viva* – escola particular, situada na cidade de São Paulo (SP) –, profissional envolvida concretamente com o projeto de professores e alunos quanto à promoção da leitura na escola. Utilizou-se como instrumento da coleta de dados um questionário semi-estruturado com questões referentes às atividades desenvolvidas pela escola, quais sejam: (1ª) sobre a inserção do tema envelhecimento ou da discussão sobre diferença etária, inclusive na família; (2ª) sobre a realização de trabalho pelos alunos acerca do tema; (3ª) sobre a participação das gerações mais velhas das famílias dos alunos em algum

evento nessa escola; (4^a) sobre a visão a respeito do envelhecimento; (5^a) sobre livros de histórias infantis disponíveis na biblioteca/sala de aula relacionadas a essa temática. Tais questões se desdobraram em outras durante o decorrer da entrevista, com as respostas sendo gravadas e transcritas.

Verificou-se a partir dos relatos de (C.): (1) embora a escola não trabalhe diretamente o tema do envelhecimento, a entrevistada reconhece essa lacuna na formação dos alunos, aventando a possibilidade de a escola incluir esse tema transversal no currículo, para uma discussão mais aprofundada. (2) C. destacou o projeto iniciado na *Escola Viva* há cerca de três anos, com alunos no terceiro ano: estes construíram a chamada linha da vida durante esse ano, pesquisando como era a escola dos seus pais e avós, com a descoberta de suas brincadeiras e jogos da infância, bem como o espaço geográfico de sua escola antiga e peculiaridades. No quarto ano, os mesmos alunos iniciaram a construção da árvore genealógica da família. O tema do envelhecer de pais, avós e antepassados surgiu, portanto, indiretamente. Com os alunos já no quinto ano, contou-se com a presença de avós que foram à escola relatar as histórias da família, de sua origem e cultura, comidas típicas etc.

Dando continuidade a seu depoimento, C. mencionou que, em rodas de conversa em aula, alunos sempre traziam exemplos dos avós como pessoas experientes que lhes ensinaram algo de diferente. Tornou-se exemplar o caso de uma criança que, por destoar física e cognitivamente das demais, ouvia dos coleguinhas comentários vexatórios, estigmatizantes. Aproveitou-se a ocasião, para que o tema das diferenças começasse a ser trabalhado. Outro aluno, por sua vez, informou sobre sua pesquisa em torno da diferença entre as pessoas nas redes sociais. Um outro, contudo, posicionou-se diante dos relatos anteriores, alertando para que não se acreditasse em tudo o que fosse exibido pela TV ou Internet, como, p.ex., ao mostrar, genericamente, os árabes como terroristas, ressaltando ser sua avó uma senhora árabe. Com esse relato, C. julgou ter respondido à 3^a questão, confirmando a necessidade de uma proximidade maior dos avós à rotina dos netos, alunos da escola.

Diante da 4^a pergunta, C. manifestou interesse e curiosidade sobre o assunto, desejando iniciar um diálogo maior com a inclusão de professores e demais coordenadores. Referindo-se à 5^a questão, a entrevistada alegou desconhecer quais livros da biblioteca teriam abordagens gerontológicas, mas ofereceu uma listagem dos livros que tratavam de relações entre avós e netos. Constatamos que existem, naquela instituição, para consulta ou empréstimo, vários títulos sobre o tema, mas que nunca foram utilizados em projetos pedagógicos específicos. Inclusive

descobrimos que o autor – Rodrigo Lacerda - de um dos livros aqui analisados - *O Fazedor de Velhos* -, tem seus filhos estudando na escola.

Os depoimentos obtidos permitem-nos verificar que, apesar do interesse manifesto pela entrevistada acerca do tema envelhecimento, pelos livros infantis que o contemplam, e por atividades desenvolvidas envolvendo as gerações mais velhas, essa escola, referência na área pedagógica, ainda não estava abordando direta e devidamente as questões sobre o envelhecimento, conforme preveem o Estatuto do Idoso, Lei 10.741, art. 22,⁵ e o Parecer CEE 298/2008.

Entendemos que o caminho para inserir o tema nos currículos será longo, mas acreditamos que não tão árduo, a julgar pela receptividade à temática. Aliado a isso, o convívio maior das crianças com os avós, inclusive atuando diretamente na relação netos-escola, já é uma realidade no país, provocando necessidade de inclusão do tema, e sob uma ótica de reformulação, de construção de um novo olhar.

A citação a seguir amplia a defesa do tema velhice dentro do universo escolar e sua importância para essa reformulação tão necessária:

Idealmente, a pedagogia deveria oferecer oportunidade para experiências de olhar para outras experiências, saber sobre elas e senti-las. Nesse sentido, o outro a quem chamamos de velho deveria ocupar o tempo e o espaço escolar, criando lugar para projetos sobre a velhice, os idosos e o envelhecimento (Antunes & Padilha, como citados em Todaro, 2009, p.15).

A escola em questão já trabalha a diversidade aliada à inclusão e poderá, portanto, potencializar esse conceito, expandindo seu olhar e problematizando o envelhecimento e a velhice. Aproveitando também a temática da linha da vida, já trabalhada na escola, poderá ampliar o reconhecimento, de que todos, independentemente da idade que se tenha, somos seres envelhescentes. Dessa forma, convívios diversos poderiam ser reinventados, construindo-se uma atitude respeitosa diante das diferenças, que, ao serem introduzidas como potenciais de ampliação e aquisição, propiciariam uma excelente oportunidade para as crianças participarem de seu próprio desenvolvimento como agentes do seu processo de construção de personalidade, como bem ressalta Todaro (2009, p. 19).

A inclusão precisa fazer sentido para a criança e, para que isso aconteça, não

⁵ Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (BRASIL, 2003). Presidência da República. *Lei 10.741*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Brasília (DF).

deve ser estanque dos demais temas abordados. Se fizer parte de um projeto pedagógico ou se for o próprio projeto, o tema gera interesse e consequentemente significado. Não se trata de ensinar as crianças a apenas tolerar os idosos, mas principalmente de despertar nelas o interesse por essas pessoas de idade muito diferente da sua. Na medida do possível, devem ser oferecidas oportunidades às crianças a fim de que se coloquem no lugar dos idosos e entendam que existem diferentes modos de viver a velhice; e não uma velhice ou um idoso-padrão.

O tema, voltado para a vida, para a construção de um ideal de cidadania, ajuda a desconstruir a ideia de que os conteúdos escolares são apenas conceituais ou ligados a algum tipo de procedimento. Eles podem trabalhar também as atitudes que fazem parte do processo de desenvolvimento e educação de um indivíduo, seja ele criança ou adulto.

Assim, trabalhar um tema cujo teor afetivo é tão presente, cujo vínculo já está estabelecido como é a relação avós-netos é um grande indício de mobilização, como constata sabiamente Morin (2003, p.20): "A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade (...)". Através do vínculo e da afetividade, a criança pode consolidar ainda mais o seu aprendizado e reformular conceitos, mudando efetivamente o curso da história.

Muito do que as crianças aprendem sobre idosos é uma mistura de informação e desinformação, baseada em crenças e estereótipos equivocados. Por meio de debates mediados, programas sociais em instituições de acolhimento a idosos, participação de avós em projetos específicos da escola aproximando tema e realidade, análises individuais do texto lido (utilizando palavras e/ou outros recursos que ampliem a compreensão), criam-se caminhos férteis para a sedimentação das reflexões e aquisição de novos conceitos sobre o envelhecer. Segundo Morin (2003: 30), o inesperado é uma constante da vida e precisamos estar preparados para o novo e para as conseqüentes mudanças, ao invés de tentar moldá-lo ao *status quo*. E estarmos prontos para não sermos surpreendidos por novos olhares, nossos e dos outros, abertos a novas descobertas! "... é necessário aprender a "estar aqui" no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar (...)" (Morin, 2003, p. 76).

Muitos livros infantis sobre o envelhecimento não refletem a realidade: alguns apresentam visões fantasiosas ou negativas sobre os velhos; acreditamos, porém, que, se forem utilizados de maneira crítica, exercitando-se a prática dos questionamentos com os alunos e

confrontando os diversos aspectos contidos nos livros com a realidade, ampliam-se as possibilidades de adequado aprendizado sobre o tema. Freire (2010, p. 18) considera o ser humano como agente de mudanças, presença desejavelmente crítica, questionadora. Presença com "P" maiúsculo, que pode romper, mas também unir, presença que transforma:

(...) mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. (...) Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe.

Pode-se aqui antecipar que os livros de histórias infantis pesquisados, demonstram, nas partes analisadas – título/autor, imagens de capa e sinopses - que as mudanças de valores e conceitos sobre o envelhecer já começam a aparecer na literatura infantil. Na verdade, são muitas as evidências, estando, porém, a maioria ainda cercada de visões fantasiosas sobre o velho, sendo este visto ora como sempre generoso, ora em morfologia estereotipada, como quando é descrito invariavelmente usando óculos, com cabelos brancos, bengala, ou o coque nas idosas, ou ainda, não-nomeados, sendo o “velhinho/a”. Mas mudanças acontecem e podem ser observadas em histórias que podem ser qualificadas como criativas, o que se constata nas análises a seguir.

Os dados coletados em livros de histórias infantis e sua discussão

“O sonho é um ponto de vista. É um lugar de onde se vê. Ocupemo-nos todos os dias dessa arte de aprender a ver.”⁶

Como diz a epígrafe, é preciso aprender a ver como em um sonho, interpretar o que dizem ou o que não dizem os materiais oferecidos a nossos olhos — o que tentamos fazer na segunda etapa deste estudo: verificar como autores recentes de livros de histórias infantis apresentam o tema aqui focado, em uma coleta de dados de dez publicações que consideramos representativas. Essa delimitação de *corpus* não atendeu a critérios empíricos, mas teóricos, isto é, atendeu aos objetivos deste estudo qualitativo com foco sobre o que nos instigava: a singularidade manifesta em formas estruturais de significar o tema de um livro de histórias infantis. Acreditamos que as relações espaciais da capa do livro informam o leitor sobre seu conteúdo funcionando como pistas de manuseio para a aquisição, ou a indicação, e consequente leitura de um livro.

⁶ Como citado em Paiva, 2010, p. 91.

Tais pistas, hipotetizamos serem pertencentes ao que se poderia chamar de *input* ou processamento visual de informações, transmitidas, dentre outros elementos, pelo título/nome do autor, pela imagem de capa do livro e pela sinopse – e serem situadas, a nosso ver, dentro de uma linha teórica do campo da Leitura que avalia as *estratégias* que parecem codificar hoje um conceito fundamental para a compreensão de textos e de interpretação de sentenças. Kato (1985: 9) refere vários teóricos (Goodman, 1967, Smith, 1978, dentre outros), do campo da Leitura. A *predição em leitura*, uma das estratégias de abordagem inicial do texto, seria válida para caracterizar atitudes supostas no leitor durante o processo de ler. Estratégias essas que, segundo a perspectiva dos teóricos, fornecem-nos, por meio do uso mínimo de informações disponíveis, predições bastante confiáveis, dependendo do propósito que se tem no ato de ler. Assim, o grau de atenção que damos ao texto e os lugares que focalizamos têm muito a ver com o propósito consciente de procurar uma determinada informação no texto; argumenta-se aqui que, a partir de um estudo analítico, ainda que sucinto e empírico, do título/nome do autor, da imagem da capa, das “orelhas” do livro ou da sua sinopse, é possível predizer o conteúdo de um livro.

Embora de natureza diferente (título e capa/imagem: de natureza ficcional, de escolha do próprio autor, muitas vezes em parceria com editor, capista, ilustrador; nome do autor e sinopse: de natureza informativa, referencial), esses pontos salientes do livro são justamente aqueles de que o leitor se vale para apreender a respectiva temática e decidir, no caso do adulto, pela aquisição, empréstimo ou indicação de um livro. No caso da criança, sentir-se atraída, ou não, para ler determinado livro.

Na referida linha de predições, é que foram feitas as análises de dez livros aqui apresentados. São apropriados, a nosso ver, a uma leitura criativa acerca de relatos de situações do cotidiano, em interação com as gerações mais velhas. Essa leitura pode desenvolver a capacidade das crianças de ouvir/ler histórias fora da situação de sala de aula e, se na escola, ao se recuperar a natureza de cada parte do livro, pode-se elaborar uma proposta sistematizada de atividades e avaliação. Em ambas, colocam-se as crianças em posição de *leitores* e pode-se dizer que privilegiados, porque certamente ao se expressarem em sua oralidade ou produção escrita, irão manifestar uma posição nova, diferente, sobre as pessoas mais velhas, em que valores como o respeito, o afeto, estarão presentes. Acreditamos que seja plenamente possível repensar, especialmente na escola, a educação de crianças sobre o processo de envelhecimento, investindo na criação de novos projetos pedagógicos em que se incluam, por exemplo, membros da família da criança e, nessa direção, serão passos para revitalizar a prática docente das escolas infantis.

A seguir, os elementos para a análise preditiva aqui proposta:



(1) Avô, conta outra vez...

Autor: José Jorge Letria (2010). Ilustrador: André Letria.

Sinopse: Que avô ou avó não deseja contar aos netos as histórias que permaneceram na memória da sua infância? Um livro para avós, pais e netos se lembrarem sempre do valor da palavra e da ternura que é capaz de unir gerações.

Examinando a capa do livro, do ilustrador André Letria, filho do autor, em parceria muito oportuna: sobre um fundo alegre, acolhedor no seu tom ocre claro às figuras humanas em tom mais marcado (tom sobre tom) o título desse livro infantil de histórias faz contraste em sua cor preta, e forma fragmentária: “Avô, conta outra vez”, tal como seria um convite oral a um avô; se de um lado a capa é atraente ao olhar, pode-se dizer, de outro, ser estruturalmente insignificante o título? Mas logo vemos que esse título tem significância quanto a seu sentido: é um dito espirituoso: evoca uma atividade lúdica – a de narrar, quando se desdobra no seu jogo combinatório metonímico: de um vocativo (*Avô*), um chamamento do escritor à ação, circunscrevendo seu destinatário, e de uma frase na modalidade imperativa (*conta outra vez*) e fragmentária (*conta outra vez uma história*), traduzindo a demanda a alguém que se consagrou, de primeira, como um “contador de histórias” e que agora é, sem chance de frustrar expectativas, reconvocado. Trata-se de um título cujo caráter conativo, pretendido pelo escritor (para não dizer também da editoria responsável), convoca diretamente o destinatário, uma pessoa mais velha, certamente, convocando também a própria criança. Mas a resposta, muitas vezes, tem que se dar de imediato; premido pelo eco de um tal apelo, um avô, por certo com esse livro em mãos ao lado do neto, não tem como deixar de exercitar, de forma feliz, a intertextualidade, ou seja, estabelecer relações entre o texto em mãos e outros que irá criar, a partir deste.

O título nos faz ver que a um avô (ou alguém em função de avosidade), familiar ou socialmente é destinado o papel tradicional, diante de seu neto ou outras crianças, de ser um contínuo “contador de histórias”, com uma produtividade infinita de linguagem – o que não deixa de ser uma imagem estereotipada da avosidade, “que se esconde sob a fraseologia das revistas”, cf. Barthes, 1995, p.69. O teórico indagaria: “Por que é que se contam histórias? (referindo-se, em seu texto, a *Mil e uma Noites*). Para se divertir ou se distrair? “Instruir”, como se dizia no século XVI? Toda a narrativa pensa a si mesma com *uma espécie de mercadoria*. Nas *Mil e Uma Noites*, troca-se por um dia de sobrevivência” (1995, p.102). Nas histórias infantis, *se troca pelo afeto entre ambos os interlocutores*, o que conta e o que escuta, ambos “levados na conversa”, sentindo prazer na leitura ou escuta da história, achando-a interessante, sentindo

vontade de ir até o fim, de permitir desdobramentos. Mas ler é também fazer refletir...

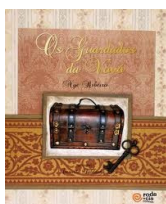
O nome do autor faz sentido a professores e pais: esse livro recebeu o Prêmio FNLIJ 2011, de melhor título publicado em 2012, na categoria Literatura em Língua Portuguesa e integra a lista dos trinta melhores livros infantis de 2010 da *Revista Crescer*, especializada em temas relacionados à infância.

Sobre a questão do título, Barthes (2001, p.310) afirma⁷ ainda que sua função “não foi bem estudada ainda, pelo menos de um ponto de vista estrutural”. A partir das ideias desse teórico, podemos acrescentar que o título *Avô, conta outra vez* caracteriza-se como um operador de *marca*, assinalando o início do texto de leitura, o que significa *constituir o livro como uma mercadoria*. Segundo o autor, a sociedade, por motivos comerciais, tem necessidade de assimilar qualquer texto a um produto ou mercadoria. Nessa linha de raciocínio, o título dispõe de sentidos, a um só tempo: (i) catafórico, pelo que ele enuncia, ligado à contingência do que vem adiante; (ii) contextualizador temporal e espacial, o próprio anúncio de que um trecho de literatura vai se seguir (i.é, de fato, uma mercadoria); resumindo, o título tem dupla função: uma enunciativa e outra dêitica.

Quanto à imagem na capa desse livro, poderíamos perguntar se ela é coerente com o título, se com ele estabelece correspondência ou discrepância. O que ocorre na capa desse livro é que a imagem oferecida, em tons discretos de marrom escuro e claro, é a de um velho, de chapéu, que caminha de mãos dadas com uma criança; aí está o que a capa traz de novo em sua imagem: acontecimento pictórico e título/tema não coincidindo. Dirigem-se, avô e neto, para um passeio imaginário em balão, pintado em um azul comparável ao do céu, justificando-se sua pertinência por referência feita ao extravasamento desse livro na sinopse, quando se lê que este “*celebra esses momentos mágicos que são os de partilha de memórias e de comunicação afetuosa entre os mais velhos e os mais novos, todos sem idade no momento da festa de contar e ouvir contar*”.

A seguir, a sinopse elabora uma pergunta, bem apropriada, exigindo que o leitor dê a resposta que lhe seja relevante - estratégia de intencionalidade do escritor (ou da editoria) em convocar o imaginário do leitor: “*Que avô ou avó não deseja contar aos netos as histórias que permaneceram na memória da sua infância?*”. Histórias de um mundo que os mais velhos viveram e que se diferencia do atual: não havia internet, celular, telefone sem fio, apenas o rádio se tivesse luz, o telégrafo a alguns poucos, a carta que tanto demorava para chegar ao destino, a

areia ou barro em lugar do asfalto... Tal diferença de mundos, e de conhecimento do mundo⁸, é o que mais atrai a curiosidade das crianças; aos velhos, quando eles próprios se re-criam através dos atos cognitivo-afetivos experienciados na troca de saberes com as crianças.



(2) *Os guardados da vovó*

Autor-ilustrador: Ribeiro, Nye

Sinopse: Uma menina ajudou a vovó a guardar tudo no armário, mas esperou o vovô chegar para lhe perguntar sobre certas cartas.

O título (2) enuncia algo diferente, um enigma (*Que “guardados” são esses da vovó?*), cujo sentido é preciso buscar. A partir da forma catafórica implicada pelo título, o que se segue vai realizar o que é enunciado; a resolução do enigma já está enunciada (cf. Barthes, 2001, p. 310), porém, não apenas remetendo a determinados objetos em si (ordem empírica), descobertos uns aqui, outros mais adiante no decorrer da história, mas também ao sentido deles para os avós (ordem hermenêutica): a parte das cartas, informadas na sinopse. “Guardados” é termo antigo, quase em desuso, que implica um sentido coletivo, um ajuntamento de vários objetos, sendo, pois, termo utilizado para que acarrete vários efeitos de sentido ao leitor, advindos “do fundo do baú”. O genitivo ou partitivo “da vovó” se solidariza com “guardados”: ambos não deixam de situar seu dono no universo do passado – uma imagem estereotipada do ser velho que trancafiava seus guardados, pequenos objetos de estimação, em baú ou cofre. Não sem razão, a seleção do termo no plural, de sentido coletivo, não se fez por “Tesouros / Coisas / Objetos / Trecos / Preciosidades da vovó”, mas por “Guardados”. “Guardados da vovó” evoca, configurando um efeito de unidade, o que ficou elíptico aí: a do idiomatismo “a sete chaves”⁹. Dizer que um tesouro ou segredo é “guardado a sete chaves” é trazer à luz a tradição simbólica milenar de guardar segredos e tesouros com chaves em cofre ou baú; e aquela de o número sete ser conferido, há séculos, como símbolo de perfeição e sacralidade.

Quanto ao nome do autor: este é muito conhecido na literatura infantil, tendo escrito muitos livros, o que o vocaciona para ser selecionado, antes que outros, por professores e pais.

Quanto à imagem da capa do livro: o interesse reside justo nessa maleta tipo baú com sua chave disponibilizada ao lado (o que evoca o conceito barthesiano de “a pose dos objetos”, (Barthes, 2000: 331), em tom escurecido de marrom – ambos objetos indutores correntes a uma associação paradigmática de ideias (baú-chave-cuidados) ou de modo mais obscuro,

⁷ Barthes, nesse momento, analisava o conto “A verdade sobre o caso do sr. Valdemar”, de Edgar Allan Poe.

⁸ “Conhecimento de mundo” é conceito da área da Leitura que refere situações ou eventos em sua forma mais usual ou típica, pelos quais passou o leitor e que ora pertencem a seu universo cognitivo, e que são levados em conta ao ele fazer uma leitura significativa.

⁹ Idiomatismos que são estudados em Lodovici, F.M.M. (2008).

simbolizando a inescrupulosidade humana (o “dar golpe do baú”). Barthes diria que ambos são objetos que constituem excelentes componentes de significação: por um lado, podemos dizer que são descontínuos, completos em si mesmos, o que é, para um signo, uma qualidade física; por outro, remetem a significados objetivos, conhecidos; por conseguinte, como componentes de uma verdadeira fraseologia, estabilizando-se a ponto de renovarem seu modo de fazer presença nos dizeres, erigindo-se em unidades sintáticas, que se delimitam no fluxo da fala, “em ato”: *baú* > golpe do baú; *chave* > guardado a sete chaves; *cartas* > objeto de pressuposição, antes da leitura do corpo do livro: uma idosa revolve, re-vive, suas memórias. Efeitos conotativos, idiomáticos, brotam de certa forma de todas essas unidades significantes; captadas, contudo, como se tratasse de uma cena imediata e espontânea, i.é, insignificante; o leitor encontra essa cena explicitada na narrativa do corpo do livro; os objetos da imagem, embora pareçam não dispor dessa força que uma história ganha na sua leitura, por terem força metafórica, por certo promovem inesperados efeitos de sentido no leitor. Curioso é que essa imagem de capa pareceria, à primeira vista, que pouco nos faria predizer; mas se a estudamos em sua significação, ela muda de figura.

A sinopse nos dá uma informação relevante: a de que ao vovô caberá indicar o destino a “certas cartas” (suas, certamente), dentre os guardados da vovó. Dessa forma, ele pode partilhar também desses momentos felizes de revirar baús, com vovó e neta.

(1) e (2) são, ambos, livros de histórias infantis cujos autores têm suas pressuposições, promovem elipses, desafiando o leitor a indagá-las, o que se pode explorar na escola, contribuindo para uma educação sobre o envelhecimento, via literatura infantil; por exemplo, sobre a importância da contribuição memorialista que o velho oferece aos mais jovens; como esta pode motivar as próximas gerações à criação de suas próprias histórias, à desejada produção escrita.



(2) *A menina, o cofrinho e a vovó*

Autor: Cora Coralina. Ilustradora: Cláudia Scatamacchia


Sinopse: Era uma vez uma velha que morava sozinha numa cidade muito antiga e tinha sua casa-grande na beira de um rio (...). A velha tinha filhos, netos e bisnetos e todos moravam em cidades diferentes, bonitas e movimentadas (...). Assim começa mais uma narrativa criada por Cora Coralina. Nessa história ela conta sobre uma avó que por necessidade financeira decide fazer doces para vender. Muito determinada, vai driblando as dificuldades – a falta de um tacho de cobre, a falta de lenha etc. – e descobre que se tivesse uma geladeira... Então, ela compra uma geladeira usada, a prazo. E um dia, uma surpresa: sua neta Célia abre o cofrinho e dá todo o dinheiro para ela pagar as prestações. Como entre avós e netos a moeda de troca é variada, como será que a avó agradeceu? História de afeto e gratidão!

O título apresenta uma série de três nomes, com o central, um objeto tradicional da sociedade - o cofrinho -, fazendo presença ao ligar pessoas de duas gerações. O cofrinho como símbolo para a educação de uma criança que precisa reservar suas pequenas economias e não consumi-las, o que destoa do mundo atual caracterizado pelo consumismo; mas parece agradar a crianças e avós, justamente porque o símbolo atrai, muitas vezes contrariando expectativas.

Basta o nome Cora Coralina para que se desperte a curiosidade de professores e pais sobre este livro para saber como a consagrada autora de adultos dirige-se agora às crianças. A imagem de capa é obra da ilustradora Cláudia Scatamacchia, premiada no Brasil e no exterior.

A imagem mostra uma avó resoluta que não deixa cair a peteca: em dificuldades econômicas vai à luta, com sol ou chuva (daí o guarda-chuva), sendo exemplar para as demais gerações (a “avosidade”, cf. Oliveira & Karnikowski, 2012). Os efeitos, em (3), imediatamente consequentes: despertar o sentimento de solidariedade da neta que, com as reservas do cofrinho, paga as dívidas da vovó (a reflexividade de ações diante da avosidade).

A sinopse informa que esse livro possibilita que se mostre, na escola, que uma pessoa idosa tem que estar em pé de igualdade com outros cidadãos: que tem direito de se manifestar, de inovar em seu trabalho, o que é ratificado pelo que diz Leme (2011: 41): “A experiência de vida, a bagagem profissional de um “velho”, somados à energia e disposição de tudo apreender de um “jovem” pode gerar uma criativa e competente equipe profissional”.

| | |
|---|--|
|  | <p>(4) Vovó quer namorar.</p> <p>Autor: Maria de Lourdes Krieger. Ilustradora: Márcia Cardeal.</p> <p><i>Sinopse: Esta é a história de vovó Frosinha. Ela revela à neta que espera seu namorado. Conta como foi sua infância na fazenda, seus namorados. O casamento com Vô Eugênio, juiz, homem rigoroso e severo, que passou a tolher o espírito independente de Frosina. Contou sobre o nascimento de seus filhos e a morte de seu último bebê. Contou que, quando Vô Eugênio morreu, ela chorou muito, lembrando os seis primeiros meses de casada. Quando a campainha toca, ela arruma o cabelo e pede que a neta abra a porta sem ansiedade; afinal, que mal há se a vovó quer namorar?</i></p> |
|---|--|

O título “Vovó quer namorar” logo chama a atenção da criança pelo inusitado que traz: nem a toda vovó é licenciada tal atitude de ser desejante, a do desejo de ter um namorado; ao exercício do desejo não se imputa como “coisa de velho” nesse livro. (4) demonstra, pois, uma mudança em curso, a de romper o preconceito contra a vez e voz da mulher. No decorrer da história da humanidade, a mulher teve sua voz, muitas vezes, silenciada. Ela não tinha os mesmos direitos do homem, sendo ela considerada “inferior”. Sentimentos de submissão, humilhação e marginalização passaram a ser experimentados pelas mulheres, e mesmo na atualidade, uma era pós-patriarcal, ainda há registros de mulheres que são discriminadas devido

aos resquícios da ideologia machista que ainda existe neste século (Muraro, 2003, p.69).

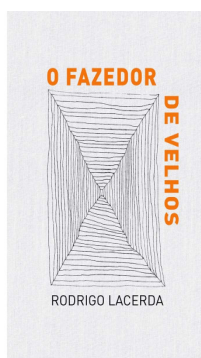
A consagrada autora de livros infantis, Maria de Lourdes Krieger, obteve a indicação, neste livro, como “*Altamente Recomendável para o Jovem*”, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). A delicada imagem da capa, uma ilustração em tons de sépia, é de Márcia Cardeal, catarinense conterrânea da autora. Mostra um amontoado de fotos antigas das quais borboletas voam, o que sugere o confronto do antigo com o novo.

A sinopse (4) descreve a avó Frosinha como uma pessoa ativa, que ainda namora; uma mulher com sonhos, desejos, libido; em suma, com muita vida pela frente. Segundo Lodovici e Mercadante (2011),

A sexualidade/eroticidade desta vez vista como uma estratégia indispensável para a diversidade do bom-viver, justamente por se impregnar em todas as relações humanas, independentemente de geração. Não foi de Jacques Ruffié (1921-2004), a afirmação de que “*A sexualidade é o motor de toda a socialização*”, em *O sexo no coração da vida?... Tratar, cuidar, da sexualidade/eroticidade, especialmente na velhice, mostra-se, pois, nos tempos atuais, uma exigência para uma vida longa e feliz; de fato, a nosso ver, um exercício de liberdade...*

A sinopse como que justifica ou contextualiza o título que, de chofre, pela sua provocação, poderia, por vezes, incomodar algum leitor.

Leme (2011: 43) pode ratificar as pressuposições da autora: na escola, é importante mostrar o quanto se deve preservar a intimidade de casais idosos, especialmente os que moram em casa de filhos, evitando pô-los em quartos separados, como se eles não precisassem mais estar juntos. “*Importa muito encontrar pessoas saudáveis, bem-resolvidas e felizes por estarem em companhia agradável e satisfeitas emocionalmente*”.



(5) *O Fazedor de Velhos*

Autor: Rodrigo Lacerda. Capa: artista plástica Adrienne Gallinari

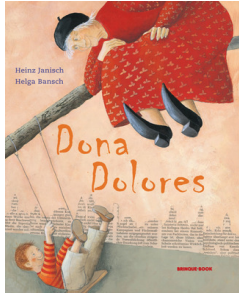
Sinopse: Narra este livro a passagem de Pedro para a vida adulta. O adolescente descobre que a vida pode não ser tão doce quanto a primeira paixão, e encontra na literatura um caminho para buscar suas respostas. Mas o que torna O Fazedor de Velhos uma novidade do gênero é sua capacidade de reavivar a ternura e o afeto como sentimentos que também participam do processo de amadurecimento. Neste romance de iniciação, Rodrigo traça o retrato de um artista quando jovem. O personagem Pedro tem dúvidas sobre seus caminhos, o que o leva a pensar em desistir da faculdade de História. Eis que conhece Nabuco, um professor que o auxilia na difícil tarefa de se colocar no mundo. E por meio dos livros conhecerá a si mesmo, sobretudo quando aparece Mayumi, por quem sentirá uma nova forma de amor.

O título, na sua primeira parte (*O fazedor=O criador*) não causa estranhamento às

crianças, a nosso ver. São elas que costumeiramente tomam os verbos e produzem criativamente nominalizações como essa (*comedor, sentador...*). Esse título evoca também outro idêntico de Jorge Luís Borges, *O fazedor*, uma coletânea de contos, ensaios e poemas líricos, que permite que se abra em qualquer página para leitura, ao tratar invariavelmente do tema de sua precoce cegueira. Entretanto, em (5) parte e contraparte do título, juntas, intrigam o leitor deixando, de início, como mistério, o propósito do autor, o reconhecido escritor Rodrigo Lacerda.

A imagem da capa, da artista plástica Adrienne Gallinari, mantém o mistério, a partir do X desenhado com traços cursivos em grafite; portanto, imagem e título, parecendo um *nonsense* a ser decifrado apenas a partir da leitura do livro, intensificam o mistério com que é envolvida a temática.

Surge, então, a sinopse restabelecendo a coerência com a temática do livro: a literatura como um caminho para o amadurecimento de uma pessoa, uma via para a descoberta do sentido dos acontecimentos de toda uma vida, uma forma, enfim, de conhecimento de nós próprios e dos outros. Destaque-se a figura do *mediador* – a função do professor na escola que, ao orientar a leitura de seus alunos, auxilia-os a se posicionarem relativamente à suas escolhas, na relação com outras pessoas da família e da sociedade.

| | |
|---|---|
|  | <p>(6) Dona Dolores Autor: Heinz Janisch. Ilustrador: Helga Bansch</p> <p><i>Sinopse: Dona Dolores fala de um tema cada vez mais presente no mundo todo, cada vez mais vivido por todos nós: o cuidado com os mais velhos. De forma doce e alegre, Dona Dolores mostra a relação entre um garotinho e a vizinha dele de 91 anos, que, muitas vezes, mais parece uma “super-heroína”; afinal, ela tem olho mágico, um grito capaz de estourar os ouvidos, é curiosa como os cientistas, ergue a cômoda com uma só mão, tem audição apurada, mãos habilidosas, e até “asas invisíveis”! Mas, Dona Dolores não tem mais ninguém na vida e, muitas vezes, se sente bastante cansada. É nessas horas, que, com o mesmo carinho que dela recebeu, o garotinho conta histórias para Dona Dolores, histórias de Dona Dolores...</i></p> |
|---|---|

O título dá nome ao livro e à protagonista que conta a história. Segundo Barthes (2001: 311), “Um nome próprio deve sempre ser interrogado cuidadosamente, pois o nome próprio e, por assim dizer, o príncipe dos significantes; suas conotações são ricas, sociais e simbólicas”. Pode-se ler no nome *Dona Dolores* pelo menos duas conotações: (i) a presença de um pronome de tratamento; Dizer *Dolores* não é a mesma coisa que dizer *Dona Dolores*: a presença do *Dona* confere um efeito de realidade social, de real histórico: a “super-heroína” de 91 anos é socializada, faz parte de uma sociedade definida, na qual é dotada de um título civil; tem-se aí um código social; (ii) *Dolores* é nome ibérico. Em todo o caso, esse pequeno enigma, que aqui está implicitamente formulado, talvez seja resolvido no decorrer da leitura do livro: tem-se agora a presença de um código socioétnico. Se pensarmos que *Dolores* é nome próprio,

correspondendo ao comum “dolores=dores”, podemos aí pensar em outro código, o simbólico. Há, portanto, no título, do ponto de vista da análise a marca de três códigos ou a exploração de três sentidos: um socioétnico, um social e um simbólico; daí seu peso.

O autor Heinz Janisch e o ilustrador Helga Bansch, que moram em Viena, são conhecidos no Brasil, tendo já publicado três livros infantis pela editora Brinque Book. O autor já recebeu muitos prêmios, entre eles o Bologna Ragazzi e o Prêmio Austríaco de Literatura Infanto-juvenil.

A imagem da capa é alegre, atrativa por mostrar cena divertida, com a protagonista nas alturas e o menino caído de costas, de tão surpreso com o “voo” de senhora tão idosa.

A sinopse nem precisaria ser tão detalhada, quando descreve as características dessa “super-heroína” – algo diferente no tratamento de uma pessoa idosa na literatura, mas que mostra a heterogeneidade existente entre os velhos: cada um com sua singularidade. Singularidade que precisa ser respeitada, ainda que se viva em um asilo, caso da Dona Dolores.

Assim é que Petit (como citado em Neves & Ramos, 2009, p. 243), mostra-nos que, a partir da literatura, pode-se humanizar o leitor, pois diferentemente das narrativas históricas, que falam de pessoas anônimas ou de números abstratos, o texto literário nomeia uma personagem singular, emocionando o leitor ao identificar-se com essa personagem. Dessa forma, no ato de leitura, aparentemente solitário, descobre-se de como se está próximo das outras pessoas, criando-se um círculo de pertencimento mais amplo, que se estende “(...) para além do parentesco, da localidade, da etnicidade” (Petit, 2008, p.95).

(6) introduz ainda a noção de que somos seres envelhescentes e que a velhice, se for preparada prévia e adequadamente, permitirá antes o autoconhecimento e, conseqüentemente, valorizará a maturidade e as experiências vivenciadas como aliadas preciosas. As temáticas que podem ser discutidas aqui: as do relacionamento entre gerações; a questão de ter idade avançada; as memórias; a amizade entre as diversas gerações; a solidariedade; o afeto; a imaginação etc.



(7) Veja, gente, que vovó diferente!

Autor: Tracey Corderoy. Ilustrador-caricaturista: Joe Berger

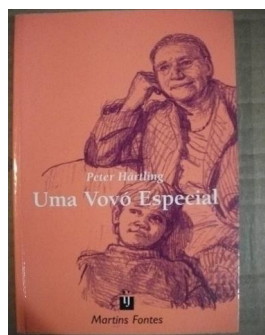
Sinopse: Essa vovó pode ser um pouco diferente da maioria, mas ela é muito divertida. Quem não gostaria de ter uma avó que é uma bruxa? Cansada das confusões criadas por sua avó-bruxa, adoravelmente excêntrica, uma menina toma a decisão de tentar transformá-la em alguém mais “normal”. Descubra que a versão supostamente melhor de sua avó pode ser uma decepção... Bela história com pitadas de humor sobre ser você mesmo e amar os outros pela mesma razão. Divertida história, permite explorar temas como amor incondicional, bruxas, diversidade de personalidade, relacionamento avó-neto, aceitação das diferenças. História que aborda o tema de amar a família e amigos, independentemente de suas excêntricas; que ser diferente pode ser positivo; ajuda os pequenos leitores a aceitarem as coisas diferentes que fazem parte da sua realidade.

O título (7) representa a frase que parece ser dita por uma menina, quando esta apresenta sua avó ao leitor, na sua diferença, e de modo fático (identificado por Jakobson, 1973: 126), tentando capturar a atenção desse leitor até pela rima (gente-diferente). E essa vovó, por sua vez, enquanto anda ao lado da neta, faz de sua bolsa esvoaçar um bando de morcegos em meio a uma nuvem de fumaça colorida que cada vez mais se espalha...

Título e imagem, mesclados, compõem uma cena delicada de capa, leve e muito interessante, aguçando o imaginário das crianças que já ficam em suspense, com predições sobre o que vai conter o livro.

A autora é a premiada britânica Tracey Corderoy, que já escreveu desde 2010, mais de 25 livros infantis. O ilustrador-caricaturista, Joe Berger, é de Bristol e lida com desenhos infantis desde 1991.

A sinopse (7) mostra novidades não possíveis de serem previstas antes: a tentativa de a menina mudar o modo de ser da avó, para no fim concluir que seria melhor aceitá-la na sua singularidade. Esse livro pode mostrar, na escola o que refere Leme (2011, p. 41): “O trato com pessoas idosas nem sempre é fácil e a preguiça de tentar compreender seus valores, ansiedades e história de vida, muitas vezes belíssima, pode levar as pessoas a rotularem seus comportamentos como coisa de velho ou caduquice, desconsiderando seu valor individual”.



(8) *Uma vovó especial*

Autor e ilustrador: Hartling, Peter

Sinopse: Quando os pais de Kalle morreram, ele tinha cinco anos. Aquele dia, a Vovó chegou, chorou muito, mas reagiu e tomou a decisão: ia ficar com o neto. E lá se foi Kalle para uma outra casa, numa outra cidade, viver com a avó, que ele ainda conhecia pouco, mas de quem já gostava muito. Este livro narra a história emocionante da aproximação e da convivência entre avó e neto. No final de cada capítulo, há sempre um pequeno texto em que a avó faz reflexões sobre o que aconteceu e fala das alegrias, dos medos, das certezas e das inseguranças que ela sente com relação ao neto.

Basta o título qualificando uma vovó como diferente das demais pessoas, para que se possa prever que (8) trata das relações entre duas gerações: a da vovó “especial” e a de um neto.

O autor, Peter Hartling, é um escritor alemão que, desde 1969, passou a escrever livros para crianças, focados muitas vezes em problemas sociais ou sobre o envelhecimento e morte.

A imagem da capa, muito singela: sobre um fundo de cor forte, apenas se traçam em nanquim a figura dos protagonistas.

A sinopse é que se preocupa em detalhar, para o leitor, o enredo da história, expondo os sentimentos dessa vovó responsável pela guarda de seu neto-órfão, o que poderá ser explorado na escola, valorizando o papel dos avós que assumem, por várias razões, a educação dos netos.

Ao analisar as sinopses (1)-(8), verificamos que novos olhares surgem, considerando o velho na sua heterogeneidade e apresentando maneiras diversas de viver a vida que, por sua vez, muda a todo instante como diz Freire (2010: 76): "O mundo não é. O mundo está sendo". A vida muda e nós também mudamos, e é essa a lição para a tolerância e o respeito ao próximo, considerando-lhe as diferenças, independentemente de idade, raça, credo ou qualquer outra diferença. É, pois, o livro infantil de histórias um dos mais importantes elos entre a criança e o mundo imaginário. Um fator indispensável no desenvolvimento da criatividade, do raciocínio e da criticidade das crianças.



(9) O Violinista

Autor e ilustrador: Colin Thompson

Sinopse: Oscar toca violino em frente a um teatro. Todas as noites, enquanto as pessoas aguardam na fila para comprar ingressos, Oscar espalha pelos ares sua música com o eco de seus sonhos perdidos. Quem a escuta esquece o frio, o cansaço, entrando no mundo mágico do violinista. Um mundo de sonhos, um mundo de saudades, de cores e de fantasia. Assim como O Violinista encanta com sua música, Colin Thompson nos seduz com suas histórias, cores e desenhos. Nem mesmo o daltonismo do autor foi capaz de limitar sua sensibilidade e criatividade artística.

O título do livro de histórias infantil *O Violinista* é acompanhado de uma imagem – a de um violinista idoso, solitário, caminhando por uma rua deserta; é o que logo se verifica pelas insígnias aí estampadas: o violino na mão esquerda; e as estereotípias da velhice: a bengala na mão direita, o casaco antigo e os cabelos brancos.

Título (O Violinista) e nome do autor-ilustrador são dispostos sequencialmente na capa, numa associação sintagmática em que o primeiro favorece o segundo; como se pela via musical compreendêssemos melhor o texto como significância: o termo Violinista, com inicial maiúscula, substitui o nome próprio do protagonista, omitido na história, como se o protagonista e narrador, de fato, coincidissem com o autor do livro. Parece-nos que este quer dizer que, ao Violinista, basta sua significância musical. Segundo Barthes (1995: 253), “A significância musical, de um modo muito mais claro do que a significação linguística, está penetrada de desejo. Mudamos, portanto, de lógica”. A lógica na relação do Violinista com o leitor é a de um corpo em estado de música. Não sem razão, a música é considerada a arte de mais eficazes efeitos especialmente sobre aqueles de idade avançada, fragilizados por doenças (Parkinson, Alzheimer, cf. Lodovici, 2006), que podem ter na música um aliado para a feliz lembrança de momentos favoráveis da vida: uma discussão valiosa que se pode empreender com as crianças.



(10) *Como viver para sempre*

Autor e ilustrador: Colin Thompson

Sinopse: Mesmo antes de descobrir o segredo do museu, Pedro já vivia em dois universos à parte, dentro e fora de um lugar que cheira à história, cheio de peças que ultrapassam milênios, passagens secretas e corredores sem fim. Esse mundo, que ele vive explorando, é também o seu lar. Numa noite, em busca de uma cura para a doença de seu avô, Pedro descobre a existência de um livro cujo título estava gravado em ouro: Como viver para sempre. A descoberta marca o início de uma grande aventura por um mundo novo e mágico, no qual Pedro vai descobrir algo muito familiar.

O título *Como viver para sempre* leva a pensar sobre como deve ser complicado o desafio de enfrentar a finitude, um tema necessário à discussão na escola com as crianças.

A imagem forjada pelo próprio autor apresenta Pedro, o protagonista, em uma aventura nas alturas, talvez em cima dos telhados de casa, como se não lhe fossem mistério as escadas, os caminhos secretos, indo da claraboia aos telhados, tendo conseguido, pois, o domínio possível de todos os espaços.

A sinopse informa sobre os binômios temáticos que podem ser discutidos pela escola: o relacionamento avô-neto: morte/vida; aventura/suspense; fantasia/imaginação... Tal como Petit (2008, pp.28-29) ratifica, a leitura, ao promover um distanciamento da realidade concreta, faz estimular o senso crítico do leitor, criando um espaço para a reflexão, com abertura a novas possibilidades acerca do viver, do morrer. Dessa forma, o leitor transforma o texto e é transformado por ele, operando-se, pois, nessa relação um trabalho produtivo, gratificante.

Considerações finais

Este estudo permite visualizar que é possível desenvolver uma análise muito mais rica, mais realista, se sob uma adequada perspectiva interdisciplinar, sobre a compreensão de leitura que trate de temática relevantemente social com foco, aqui, em entender o que é a longevidade humana, o processo de envelhecimento, a velhice e como conviver com as pessoas idosas na família e na sociedade. Examinando o modo como as ideias sobre essas problemáticas são apresentadas e tratadas em títulos, capas e sinopses de livros de história infantis, evidenciamos como os pais, ou os professores, quando se confrontam com esse gênero de escrita, podem propiciar a suas crianças uma leitura “mais criativa”, menos preconceituosa, saber caminhar entre o que é dito e, especialmente, o que não é dito explicitamente, mas nas entrelinhas.

Além disso, aponta-se como se pode atribuir um papel mais gratificante e interessante ao professor, ao orientar a leitura a seus alunos, permitindo-lhes que, além de ler, possam trocar

ideias sobre o que são seus parentes de outras gerações, discutir casos particulares com os avós, ouvir e contar deles histórias divertidas, o que pode suscitar narrativas escritas das crianças (comentários sobre essas histórias ou sobre a discussão resultante da leitura, comparação entre histórias...); que esse trabalho tenha ressonâncias junto às famílias para que mudanças nas relações intergeracionais se façam ver.

Vimos que a análise de tais “pistas” estruturais dos livros antecipam muitas ideias sobre suas temáticas; curioso foi observar que título e imagem, algumas vezes, ao mesmo tempo em que desconcertam em seu mistério, ativam a curiosidade e as predições para a leitura da sinopse que cumpre seu papel informativo ao leitor adulto, caso dos pais ou professores. Somente com a leitura do corpo do livro é que se terá a confirmação, de fato, do que foi predição em leitura. Verificamos que tais pistas visuais são estratégias de natureza pragmática ou mercadológica; se bem criadas pelo autor e entendidas pelo editor, estão aptas a capturar a atenção do receptor: ou o próprio leitor, ou o adquirente daquele livro para uma criança, e despertar talvez seu gosto, interesse, por aquela leitura, embora não seja, claro!, garantia de uma leitura adequada do livro, dependendo esta também de outros fatores. Como afirma Nunes (2003: 45), o “leitor pode dizer: ‘Esse livro é bom’, ‘Gostei’, ‘Não gostei’, ‘É interessante’, ‘É certo’, ‘É chato’”. E ele pode dizer ainda mais... afinal, bom leitor é aquele que sabe que outras leituras são possíveis do texto que tem em mãos, não deixando de ser ele um co-autor.

Sobre os livros analisados, verificamos que alguns deles trazem velhas imagens como a do asilo (atualmente dito como ILPI-Instituição de Longa Permanência), em (6) *Dona Dolores*; de funções e papéis sociais da velhice como a memória, a experiência de vida, de morte, de suplência aos pais ausentes, casos de (1) *Avô, conta outra vez*; (2) *Os guardados da vovó*, (3) *A menina, o cofrinho e a vovó* e (8) *Uma vovó especial*. (5) *O Fazedor de Velhos*, mostrando a mediação de alguém mais velho – podendo ser um professor, um avô – para a definição da vida de uma criança. Outros livros trazem novas significações que podem ajudar a romper com os estigmas, ainda na infância, do envelhecimento, como (4) “*Vovó quer namorar*”, que desmistifica a imagem da velhice assexuada; (7) “*Veja, gente, que vovó diferente*”, retratando a idosa como excêntrica, diferente das demais; (9) “*O violinista*”, cujo personagem expõe habilidades extraordinárias; (10) *Como viver para sempre*, uma aventura do menino em busca da cura do avô. Numa discussão com os alunos, deve-se mostrar que não existe um único modelo de velhice, mas, sim, velhices: cada um é velho do seu modo; a velhice nos chega conforme nós a preparamos durante a vida.

Queremos ter a esperança de que um trabalho renovado na escola possa fazer com que se se rejeitem, movimentem-se e desdobrem-se em outros discursos certos aforismos imaginários existentes na sociedade, acarretadores a uma visão equivocada do que significa ser uma pessoa velha na família e na sociedade. Que se façam valer premissas mais realistas que resultem de uma tomada de posição teórica nas práticas educacionais em curso; são exemplares algumas afirmações já correntes neste século da longevidade: *Estar velho* é muito mais do que reduzir-se à condição de avô. *Envelhecer* é processo contínuo, que acontece desde que se vive; *Velhice* é o corolário de uma vida não interrompida; Conviver com um *velho* em casa ou como amigo é beneficiar-se na superação de etapas já vencidas pelo outro e ter junto a ele a chance de preparar-se para a *velhice*; *Velho sou eu*, que, grato, ocupo os lugares de tantos outros que foram antes de mim ou por mim. Que *um novo ideário sobre o envelhecimento* se crie neste século da longevidade!

Na escrita deste trabalho, outras indagações ocorreram, como por exemplo: Que lugar as pessoas idosas ocupam em outros espaços de leitura, nesta era digital, quando múltiplos sistemas significantes interagem, conjuntamente, no meio impresso (o verbal, o icônico, a forma gráfica, para não dizer da inclusão de outros sistemas significantes como o sonoro, o musical...), e em velocidade eletrônica? Como se dá a leitura do envelhecimento pelas crianças em espaços *on line* como o das redes sociais? E em novas tecnologias, como os telemóveis (celular, *i-Pad*, *tablet*, *e-book*...)? Diante de tantas indagações é que a pesquisa precisa continuar.

Para finalizar, um depoimento - muito oportuno a todos nós - de Barthes (1988, pp.41-42) sobre vivências novas na velhice; quanto às crianças, quantas delas, junto a seus avós, não partilham disso tudo?

(...) entro eu também numa *vita nuova*... marcada agora por um novo lugar, esta nova hospitalidade. Tento assim deixar-me levar pela força de toda a vida viva: o esquecimento. Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas surge em seguida uma outra em que se ensina o que se não sabe: a isso se chama *procurar*. Chega agora, talvez, a idade de uma outra experiência: a de *desaprender*, de deixar germinar a mudança imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda que ousarei aqui arrebatá-lo, sem complexos, à própria encruzilhada da sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, num pouco de *saber*, um pouco de *sabedoria* e o máximo de *sabor* possível.

Referências

- Barthes, R. (1988). *A aula*. Ana Mafalda Leite, Trad. Lisboa (Pt): Edições 70.
- _____. (1995). *O grão da voz*. Anamaria Skinner, Trad. Rio de Janeiro (RJ): Francisco Alves.
- _____. (2000). Objetos. O texto e a imagem. In: Costa Lima, L. *Teoria da Cultura de Massa*. (5ª ed.). São Paulo (SP): Paz e Terra.
- _____. (2001). *A aventura semiológica*. Mario Laranjeira, Trad. São Paulo (SP): Martins Fontes.
- Bellenger, L. *Os métodos de leitura*. Dora Flaksman, Trad. Rio de Janeiro (RJ): Zahar.
- Cagliari, L.C. (1989). A leitura. O que é ler. *Alfabetização & Linguística*, 147-182. São Paulo (SP): Scipione.
- Coralina, C. (2009). *A menina, o cofrinho e a vovó*. São Paulo (SP): Global.
- Corderoy, T. (s/d). *Veja, gente, que vovó diferente!* São Paulo (SP): Brinque Book.
- De Certeau, M. (2012). Ler: uma operação de caça. *A invenção do cotidiano, 1*. (19ª ed.). Ephraim Ferreira Alves, Trad. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Foucambert, J. (1994). *A leitura em questão*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas.
- Freire, P. (2010). *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo (SP): Paz e Terra.
- Hartling, P. (1999). *Uma vovó especial*. São Paulo (SP): Martins Editora.
- Jakobson, R.O. (1973). Linguística e Poética. *Linguística e Comunicação*, 118-162. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, Trads. (6ª ed.). São Paulo (SP): Cultrix.
- Janishm H. (s/d). *Dona Dolores*. São Paulo (SP): Brink Book. Recuperado em 05 maio, 2012, de: <http://www.brinquebook.com.br/livro.php?livro=71>.
- Kato, M.A. (1983). Estratégias em interpretação de sentenças e compreensão de textos. *Cadernos PUC, 16. Linguística (Leitura)*, 09-34. São Paulo (SP): Educ/PUC-SP.
- Kleiman, A.B. (1983). Diagnóstico de dificuldades na leitura. Uma proposta de instrumento. *Cadernos PUC, 16*, 34-50. São Paulo (SP): Educ/PUC-SP.
- _____. (1993). *Oficina de leitura: Teoria e Prática*. Campinas (SP): Pontes/Editora Unicamp.
- Krieger, M.L. (1994). *Vovó quer namorar*. São Paulo (SP): FTD.
- Lacerda, R. (2008). *O fazedor de velhos*. São Paulo (SP): Cosac-Naify. Recuperado em 01 maio, 2012, de: [http://editora.cosacnaify.com.br/ObraSinopse/2045/Fazedor-de-velhos-\[E-Book\].aspx](http://editora.cosacnaify.com.br/ObraSinopse/2045/Fazedor-de-velhos-[E-Book].aspx).
- Leme, L.E.G. (2011). Quem gosta de velho é reumatismo. In: Pinsky, J. (2011). (Org.). *12 Faces do Preconceito*, 39-48. São Paulo (SP): Contexto.
- Letria, J.J. (2010). *Avô, conta outra vez*. São Paulo (SP): Peirópolis.

- Lodovici Neto, P. (2006). A música como tratamento coadjuvante na doença de Parkinson. Dissertação de mestrado. São Paulo (SP): PEPGG/PUC-SP.
- Lodovici, F.M.M. (2008). O idiomatismo como lugar de reflexão sobre o funcionamento da língua. *Sínteses*, 13, 168-197. Campinas (SP): Unicamp. Recuperado em 12 outubro, 2012, de: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/sinteses/article/view/830/591>.
- Lodovici, F.M.M. & Silveira, N.D.R. (2011). Interdisciplinaridade: desafios na construção do conhecimento gerontológico. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 16, 291-306. Recuperado em 12 outubro, 2012, de: <http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/24814/15444>.
- Lodovici, F.M.M. & Mercadante, E.F. (2011). A expressão da eroticidade/sexualidade na velhice. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 14(5), 01-02. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Recuperado em 12 outubro, 2012, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9895/7348>.
- Morin, E. (2003) *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo (SP): Cortez.
- Neves, N.V. & Ramos, F.B. (2009, set.-dez.). Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. *Revista Educação em Questão*, 36(22), 243-247. Natal (RN).
- Nunes, J.H. (2003). Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade”. In: Orlandi, E.P. *A leitura e os leitores*. 25-46. Campinas (SP): Pontes Editores.
- Oliveira, A.R.V. & Karnikowski, M.G.de O. (2012, março). Apoio financeiro oferecido por avós a netos adolescentes. *Revista Kairós Gerontologia*, 15(2), 145-158. São Paulo (SP), Brasil: FACHS / NEPE/PEPGG/PUC-SP.
- Orlandi, E.P. (2009). *O que é Linguística*. (2ª ed.). São Paulo (SP): Brasiliense.
- Orlandi, E.P. (2007). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. (6ª ed.). Campinas (SP): Editora da Unicamp.
- Paiva, A.P.M.de (2010). *A aventura do livro experimental*. Belo Horizonte (MG): Autêntica/Edusp.
- Petit, M. (2008). *Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva*. Celina Olga de Souza, Trad. São Paulo (SP): Editora 34.
- Picard, G. (2008). Como vim a desenvolver o prazer da leitura. *Todo mundo devia escrever: a escrita como disciplina de pensamento*, 115-120. São Paulo (SP): Parábola.
- Ribeiro, N. (2009). *Os guardados da vovó*. Valinhos (SP): Roda & Cia. Wild.
- Silveira, N.D.R. Envelhecimento e Cidadania. In: *A pessoa idosa: educação e cidadania*. São Paulo (SP): Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social e Fundação Padre Anchieta. Recuperado em 23 novembro, 2012, de: http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/biblioteca/publicacoes/volume7_Educacao_e_cidadania.pdf
- Souza, G.P.C.B.de. (2006). *A literatura infanto-juvenil brasileira vai muito bem, obrigada!* São Paulo (SP): DCL.
- Todaro, M.de A. (2009). *Vovô vai à escola: A velhice como tema transversal no ensino fundamental*. Campinas (SP): Papirus.
- Thompson, C. (s/d). *O Violinista*. São Paulo (SP): Brinque Book. Recuperado em 02 maio, 2012, de: <http://www.brinquebook.com.br/livro.php?livro=173>.

Thompson, C. (s/d). *Como Viver Para Sempre*. (Pocket). São Paulo (SP): Brinque Book. Recuperado em 02 maio, 2012, de: <http://www.brinquebook.com.br/livro.php?livro=65>.

Recebido em 20/11/2012

Aceito em 28/12/2012

Nadia Dumara Ruiz Silveira - Graduação em Pedagogia. Mestrado em Ciências Sociais/PUC-SP. Doutorado em Ciências Sociais/USP-SP. Professora-titular do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP. Atuação na área da Educação, Ciências Humanas e Sociais e Gerontologia. Líder do Grupo de Pesquisa ELO-Educação, Longevidade e Qualidade de Vida; e Vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação Social e Meio Ambiente, ambos certificados pelo CNPq. E-mail: ndrs@uol.com.br / ndrs@pucsp.br

Fláminia Manzano Moreira Lodovici – Graduação em Letras. Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem-LAEL/PUC-SP. Doutorado em Linguística-IEL-Unicamp. Docente, pesquisadora e orientadora, filiada ao Departamento de Linguística/Faficla/PUC-SP e Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. Atua na área da Linguagem, das Ciências Humanas e Gerontologia. Participa de vários Grupos de Pesquisa, dentre eles do Grupo de Pesquisa ELO-Educação, Longevidade e Qualidade de Vida. Uma das Editoras-científicas da Revista *Kairós Gerontologia*. Membro do OLHE-Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento.

E-mail: flalodo@terra.com.br / flodovici@pucsp.br

Isabella Bastos de Quadros – Graduação em Psicologia. Atualmente é psicóloga voluntária da Associação dos familiares e amigos dos idosos e atua como colaboradora no OLHE - Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento. Exerce a psicologia clínica em consultório particular desde 1998.

E-mail: isabellaquadros@hotmail.com